



**Declaração à imprensa seguida de entrevista coletiva concedida pelo
Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, juntamente com o
Presidente da Venezuela, Hugo Chávez**

Palácio Itamaraty, 28 de abril de 2010

Bem, companheiro e amigo Presidente da República Bolivariana da Venezuela, companheiro Hugo Chávez,
Ministros e ministras da Venezuela,
Ministros e ministras do Brasil,
Companheiros deputados,
Senadores,
Empresários,
Companheiros da imprensa da Venezuela e da imprensa brasileira,

Eu ainda tenho, matematicamente, dois encontros com o Chávez, nas nossas reuniões bilaterais. Nós teremos que fazer o próximo encontro em agosto, já marcamos uma data, 3 de agosto, onde nós vamos fiscalizar os acordos que nós assinamos aqui e o andamento desses acordos. E, possivelmente, em dezembro teremos a última reunião que eu farei, como presidente da República do Brasil, cumprindo o acordo que Chávez e eu assumimos, quando eu cheguei à Presidência da República.

Acho importante, nesse momento extraordinário, em que assinamos 20 acordos, que a gente possa dizer claramente que algumas pessoas, no Brasil, que não acreditavam na relação do Mercosul, que queriam a construção da Alca; de pessoas que criticaram quando nós criamos a Unasul; de pessoas que criticaram quando nós fizemos a reunião em Sauípe, na Bahia, da América Latina e do Caribe, a primeira reunião, em 200 anos, sem tutela de um país rico, mas com uma pauta exclusivamente nossa; as pessoas que, muitas



vezes, não entendem porque o Brasil faz uma reunião com todos os presidentes do Caricom, afinal de contas, tinha presidentes de países que tinha 50 mil habitantes, países com 90 mil habitantes; de pessoas que, muitas vezes, criticaram duramente a minha ida para visitar os países africanos; de pessoas que, muitas vezes, acham que o Brasil está ficando muito prepotente, que está se metendo em conflitos internacionais que, até então, eram discutidos apenas pelas grandes potências; de pessoas que tinham preconceito da nossa relação de amizade.

Eu lembro que, a primeira vez que perguntaram para mim o que eu achava do presidente Chávez – eu ainda estava em campanha eleitoral – eu disse: eu acho o Chávez uma figura fantástica. Eu não fui crucificado porque não tinha madeira para fazer cruz, mas, mesmo assim, alguns queriam demonizar, na época, o candidato Lula por ter falado bem do presidente Chávez.

Eu, agora, estou terminando o meu mandato, consciente, Chávez, de que a Venezuela se transformou em um parceiro excepcional do Brasil. E muito mais: a Venezuela se transformou em um parceiro excepcional de muitos empresários brasileiros que antes tinham medo da Venezuela. Lá os empresários estão fazendo investimentos, lá os empresários estão ganhando dinheiro, lá os empresários estão gerando empregos, fazendo distribuição de renda e elevando o padrão de industrialização da Venezuela, para que a Venezuela não seja apenas um país que viva às custas do petróleo.

Muita gente ainda não se deu conta da real fortaleza das relações entre Venezuela e Brasil. Com os acordos que nós fizemos hoje, o governo brasileiro está dando um passo a mais para a Embrapa trabalhar mais na Venezuela, para que a ABDI trabalhe mais na Venezuela. Agora, pretendemos abrir um escritório do Ipea, na Venezuela e pretendemos abrir tantas coisas quantas forem necessárias para contribuir com o desenvolvimento econômico da



Venezuela, da Bolívia, do Paraguai, do Uruguai, da Argentina, do Chile, do Equador, do Peru e da Colômbia.

Nós somos daqueles que defendemos o desenvolvimento da América do Sul e não defendemos apenas o desenvolvimento do Brasil. Eu penso, Chávez, que quando nós propusemos o fortalecimento do Mercosul, nós fomos muito criticados. Quando nós propusemos a criação do Conselho de Defesa da América do Sul, muita gente não quis entender. Quando nós propusemos a criação do Conselho de Combate ao Narcotráfico da América do Sul, muita gente não compreende, porque não estava escrito na história que tão rapidamente os países da América do Sul fossem eleger governantes com outra visão e preocupados com a sua soberania nacional e preocupados com a maioria do povo de cada país.

O que nós estamos fazendo neste momento é a autoafirmação dos nossos países. Nós não tivemos muitas chances na vida de sermos independentes. O Brasil, que é a maior economia da América Latina, que tem a maior população da América Latina, que tem o maior território da América Latina, está vivendo, neste momento, o seu mais longínquo período de democracia contínua da história do Brasil, apenas 25 anos. Portanto, nós somos um país com uma democracia muito nova, muito incipiente. E a história do nosso continente é uma história de golpes e contragolpes de pessoas que, em nome não sei de quem, se achavam no direito de tirar os eleitos democraticamente do poder para governar. Como, mais recentemente, nós vimos, em Honduras, uma junta militar se achar no direito de tirar um presidente eleito democraticamente, colocá-lo para fora e achar que poderiam fazer o que bem entendessem.

O que ficou demonstrado naquele episódio de Honduras é que a nossa democracia continental ainda é debilitada, e que as instituições ainda não são fortes o suficiente para que a gente possa ter todas as garantias de que não haverá mais isso. E é engraçado, porque em Honduras aconteceu uma coisa



fantástica: o novo governo anistiou os militares, mas não anistiou o presidente deposto. Então, é uma coisa que o multilateralismo vai ter que ajudar a encontrar uma solução.

E essa relação Venezuela e Brasil é uma demonstração, Chávez, de que nós evoluímos, em oito anos, o que a gente não tinha evoluído em 200 anos. Evoluímos porque compreendemos que embora falemos línguas diferentes, que embora tenhamos os nossos países divididos por faixas fronteiriças, a verdade é que o povo venezuelano e o povo brasileiro sabem que, apesar da língua, apesar da fronteira, apesar da demarcação, nós, em muitos casos, deveremos nos comportar como um só povo tomando conta de um grande país, que é um país chamado América do Sul.

Muita gente não aceita isso com facilidade, muita gente não aceita isso com facilidade, porque o normal era que cada um de nós fosse subordinado a uma grande potência, o normal era que os embaixadores de alguns países pudessem dar palpite sobre as políticas internas de cada país, na América do Sul.

Nós, sem brigarmos com ninguém, sem ofendermos ninguém, fomos assumindo um papel que estava reservado a cada país na América do Sul. Não tem nada para mim mais gratificante do que a eleição de um Evo Morales na Bolívia. Aliás, se nós tivéssemos que escolher um personagem que está personificado no seu povo é a cara do Evo Morales. Ninguém tem mais o direito de governar a Bolívia do que os índios, que são mais de 70% da população.

Da mesma forma, aqui no Brasil, Chávez, o Brasil... Eu fico analisando, de vez em quando, às vezes eu fico lendo coisas na imprensa, o Brasil não tinha se preparado para que um de baixo chegasse a Presidente. Não tinha. Tinha um grande jornalista aqui no Brasil, dono de um jornal importante, o nosso querido companheiro Frias, da Folha de São Paulo, que, cada vez que eu ia



jantar com ele ou almoçar, ele dizia: “Ô Lula, os ‘do andar de cima’ não vão deixar você subir. Você tem que morar no andar de baixo”.

E nós conseguimos. Conseguimos fazer uma mudança substancial na América Latina. Essa mudança, a gente vai notar os efeitos que ela causou na América do Sul analisando os indicadores sociais de cada país. Eu não tenho dúvida nenhuma de que a Bolívia está muito melhor hoje, cuidando do seu povo, do que esteve em qualquer outro momento. Eu não tenho dúvida nenhuma da política feita na Venezuela, como ninguém pode ter dúvida da política que nós fizemos aqui no Brasil. E poderia enumerar outros presidentes.

Apenas para concluir, Chávez, dizendo que é irreversível a relação Venezuela-Brasil. É irreversível. Porque a importância da Venezuela, como um país estratégico, como um país com uma quantidade enorme de matéria-prima, com uma reserva extraordinária de petróleo, com reserva de gás... na sua relação com a América do Sul... Todos nós vamos ter que construir políticas de associação entre todos os países da América do Sul. Aliás, não existe possibilidade de a gente se desenvolver se não houver a firme convicção, em qualquer que seja o dirigente da América do Sul, de que a integração é a possibilidade do nosso crescimento econômico. O mapa do Brasil, Chávez, o mapa do Brasil, se você analisar antes de Juscelino Kubitschek construir Brasília, o Brasil, durante 500 anos, se desenvolveu apenas na sua costa marítima. Todo o desenvolvimento brasileiro era na costa. Por quê? Porque era a submissão aos colonizadores, depois aos Estados Unidos, que eram a grande economia. Não se pensava nem no desenvolvimento interno do Brasil e não se pensava, muito menos, em desenvolver para a América do Sul. Era tudo para o Norte. E o Brasil está mudando. Quando nós resolvemos diversificar a nossa balança comercial, muita gente achou que era absurdo. Entretanto, foi a diversificação da balança comercial do Brasil que permitiu que hoje o maior parceiro do Brasil seja a América Latina, enquanto um conjunto de



países. Mais do que a União Europeia, embora as exportações brasileiras tenham crescido no meu governo, em média, 20% com a União Europeia.

Ou seja, os dados do Brasil e da Venezuela, eu não vou dizer porque nós já superamos a casa do superávit de 5 bilhões e eu tenho dito publicamente, e disse hoje ao Chávez: Nós precisamos trabalhar para que o Brasil, levando em conta a proporcionalidade, o tamanho da economia, o tamanho de cada país, mas que tenha o equilíbrio na balança comercial, para que a gente possa comprar coisas da Venezuela. Graças a Deus, nós estamos evoluindo e com a conclusão da refinaria Abreu e Lima, certamente, a compra de petróleo que nós faremos da Venezuela - porque uma parte do petróleo virá da Venezuela - vai equilibrar um pouco a nossa balança comercial, e isso é importante para o crescimento da economia da Venezuela e é importante para o fortalecimento da relação estratégica Brasil e Venezuela.

Termino, Chávez, agradecendo, mais uma vez, a você e ao seu governo, pela visão e compreensão que vocês tiveram até agora, do que o Brasil representa na América do Sul, para a manutenção da paz, para a ajuda no desenvolvimento econômico.

Eu, quando vejo a Caixa Econômica Federal montar um escritório em Caracas, quando eu vejo o Ipea querer montar um escritório em Caracas, um escritório, quando eu vejo a ABDI com escritório em Caracas, quando eu vejo a Embrapa com escritório em Caracas, eu posso te dizer, Chávez, que a nossa relação é mais do que uma relação comercial, é uma relação de dois países que têm dois povos que se sentem mais do que vizinhos, se sentem irmãos de verdade.

Muito obrigado.

_____ : Com a palavra a jornalista Cristina Serra, da TV Globo, para a primeira pergunta.



Jornalista: Boa tarde, presidente Lula. Boa tarde, presidente Chávez. Presidente Lula, eu gostaria de perguntar ao senhor sobre a recente visita do chanceler Amorim ao Irã. Ele fez uma rodada, um giro pelos países daquela região, terminou no Irã. Eu queria saber se ele já fez um relato dessa viagem para o senhor, quais as informações que ele trouxe para o senhor, desse giro.

Uma outra questão, ainda, relacionada ao Irã: o Brasil, até o momento, tem agido como mediador, tentando convencer os outros países de que o diálogo é mais importante, mais frutífero do que as sanções. Além do papel de mediador, que outro papel... o Brasil pode avançar nesse papel, no sentido de ser um depositário do urânio leve enriquecido do Irã? Porque há informações, aqui e ali, fala-se, comenta-se, sai na imprensa que o Brasil poderia assumir esse papel. Houve já um convite nesse sentido? Enfim, concretamente, se o Brasil poderia, então, avançar além desse papel de mediador.

E um outro comentário que eu gostaria é que, diante desse empenho, da persistência com que o Brasil tem trabalhado em prol do diálogo, esse empenho, ele se baseia num temor de uma invasão americana ao Irã, como ontem o seu assessor internacional Marco Aurélio Garcia falou, na Câmara dos Deputados? O Brasil trabalha com a possibilidade concreta de uma invasão americana ao Irã?

Presidente: Eu queria lhe dizer... Eu não sei o que o Marco Aurélio falou no Congresso Nacional. Mas eu, sinceramente, não vejo hipótese, nem oportunidade política de os Estados Unidos invadirem o Irã. Aliás, isso não foi discutido em nenhum fórum, e muito menos no Conselho de Segurança das Nações Unidas, onde os Estados Unidos são membros permanentes, com direito a veto. O que existe, na verdade, é que tem uma divergência entre a visão do Irã sobre a questão nuclear e a visão da Agência.

E o Brasil entende que ainda não foram feitas as conversas suficientes para que a gente possa fazer com que o Irã tenha garantido o direito de



desenvolver pesquisa nuclear para fins pacíficos, nos moldes em que o Brasil tem na sua Constituição, para produzir energia elétrica e para produzir remédios, sobretudo para a indústria farmacêutica. Então, nós queremos que o Irã tenha o direito de desenvolver o enriquecimento do urânio, a utilização de energia nuclear, para fins pacíficos. Porque nós somos daqueles que colocamos na nossa Constituição a não utilização de urânio para outra finalidade qualquer. Talvez o único país do mundo que tenha na Constituição a garantia. Não é mais uma vontade do presidente da República, é uma vontade do povo brasileiro que está inserida na Constituição.

Segundo: obviamente que eu não vou conversar com o Celso por telefone. O Celso foi numa missão que eu considero extremamente importante e delicada, e essas coisas a gente não conversa por telefone. Essas coisas, a gente tem paciência, espera o ministro chegar, sentamos e conversamos, e aquilo que for possível falar para vocês nós falamos, aquilo que não for possível fica como segredo de Estado entre os dois países.

Eu estarei viajando para o Irã no próximo mês – acho que no dia 16 eu estarei no Irã – e espero que a gente possa convencer os companheiros iranianos de não quererem dar um passo adiante para construir bomba nuclear, como também trabalhamos junto com China, junto com Rússia, junto com os Estados Unidos, junto com a França, para evitar que houvesse precipitação de sanções contra o Irã, porque entendíamos que não ia resolver absolutamente nada.

Então, nós estamos tranquilos, porque o Brasil tem tamanho, tem grandeza para jogar esse papel no mundo. Porque não está escrito, em lugar nenhum, nem em nenhuma carta da ONU de que apenas alguns países é que podem cuidar de conflitos mundiais. Ou seja, cuida de conflitos quem tem a experiência de paz do Brasil. Se tem um país no mundo que pode dizer que é pacifista, é o Brasil. E, portanto, nós temos que utilizar essa vantagem para que a gente possa tentar resolver problemas que ainda não foram resolvidos.



O Brasil não trabalha com a hipótese de ser depositário do Irã... do urânio do Irã. Nós trabalhamos outras hipóteses, e obviamente que essas hipóteses, tem lugares muito mais perto do Irã do que o Brasil, e obviamente que vai depender muito do Irã. Essa coisa só pode acontecer com a disposição do Irã, de concordar e se colocar, junto com a Agência, num acordo que pode mudar o comportamento do mundo com relação ao Irã. Eu trabalho com isso porque acredito na relação humana, acredito na relação política, e acredito que somente a paz é que pode trazer a possibilidade de o mundo se desenvolver, e vencer essa crise econômica e do povo voltar a ter uma melhoria na sua qualidade de vida. É por isso que o Brasil está fazendo esse papel de ser parceiro, estamos trabalhando junto com outros países. E eu acho que, se Deus quiser, nós vamos conseguir sucesso no nosso intento.

_____ : Com a palavra a jornalista Gecênia Mendez, da Venezuelana de Televisión, para a segunda pergunta.

Jornalista: Boa tarde, presidente Chávez. Boa tarde, presidente Lula da Silva. Presidente, há poucos dias o Vice-Presidente paraguaio anunciou que as instruções para a Venezuela e o Senado venezuelano e paraguaio, que incorporassem definitivamente a eleição da Venezuela.

O senador líder, pelo estado de Roraima, do Brasil, que também foi um dos lutadores para que a Venezuela integrasse o Mercosul, também aprovou isso, no mês de dezembro. Ele também estava dizendo que era de vital importância a eleição da Venezuela para o Mercosul, para que os países irmãos, do Sul, continuassem com essa cooperação entre todas as nações.

Qual é a leitura que a Venezuela e, lógico, o Brasil, a essas colocações do Vice-Presidente paraguaio e do senador líder do Brasil?

Presidente Hugo Chávez: _____



_____ : Com a palavra, a jornalista Eliane Cantanhêde, do jornal Folha de São Paulo, para a terceira pergunta.

Jornalista: Boa tarde, presidente Lula, boa tarde presidente Chávez. Nós estamos aqui hoje em um ambiente sul americano e o presidente Lula vai ter um encontro, na segunda-feira com o presidente Fernando Lugo, em um momento em que se discute uma explosiva combinação no Paraguai entre as Farc, o PCC brasileiro e o exército do povo paraguaio. Presidente Lula, como o Brasil vai tratar a questão dos dois brasileiros que são suspeitos de participar do atentado contra o senador no Paraguai e que também são suspeitos de ser do PCC brasileiro, primeiro. Segundo: Como o Brasil pretende estudar, e se o Brasil pretende rever o refúgio dado a três paraguaios, e o presidente Lugo está pedindo que, enfim, seja revisto esse refúgio. E, terceiro: Como o Brasil pode reforçar a questão da segurança nas fronteiras, já que todo mundo sabe da porosidade das fronteiras e há, inclusive, documentos oficiais falando que dinheiro brasileiro pode estar sustentando o crime no Paraguai e, também, dinheiro do crime paraguaio pode estar atravessando a nossa fronteira para cá.

E, para o presidente Chávez eu tenho uma pergunta, que foi acordada entre os colegas da imprensa brasileira, que é: O presidente Lula está cumprindo o seu segundo mandato, tem perto de 80% de popularidade e vai entregar o cargo no dia 1º de janeiro de 2011. E o senhor, presidente Chávez? Quando o senhor pretende entregar o cargo ao seu sucessor? Obrigada.

Presidente: Bem, eu vou ser muito breve. Eu pretendo, na segunda-feira, encontrar com o presidente Lugo e conversar muito seriamente sobre o que está acontecendo na fronteira entre o Brasil e Paraguai. Eu já tenho algumas informações primárias, dadas pela inteligência brasileira, dadas pela Polícia Federal. Agora, nenhuma possibilidade de ter qualquer discurso ou qualquer



atuação precipitada, sem que a gente acerte com o companheiro Lugo o que nós precisamos fazer, conjuntamente, para que a gente tenha paz na nossa fronteira. Sobretudo a construção da paz para desenvolver o Paraguai e desenvolver o Brasil.

Eu acho uma insanidade alguém achar que pode, utilizando a violência, como foi utilizada no Paraguai, atirando num senador e matando o segurança do senador, ou ameaçando parceria com quem quer que seja, venha a colocar medo no Estado brasileiro ou no Estado paraguaio. Nós pretendemos, na segunda-feira, anunciar medidas comuns que nós vamos tirar, e pretendemos discutir, inclusive a questão das pessoas do Paraguai que estão no Brasil.

Então eu prefiro, Eliane, não aprofundar enquanto não tiver sentado com o companheiro Lugo, na segunda-feira, e tomar as medidas que tiver que tomar. Até a revisão do refúgio nós vamos ter que discutir com o presidente Lugo.

Presidente Hugo Chávez: _____

Jornalista: Obrigada, (incompreensível). Só complementar. O presidente Lula também tinha popularidade e tinha força no Congresso para tentar reeleição. Não tentou, como uma forma de democracia e de renovação do poder democrático.

Presidente Hugo Chávez: _____

_____: Com a palavra a jornalista Mariana Serrano, da Agência Bolivariana de Notícias, para a última pergunta.

Jornalista: Boa tarde, presidente Chávez, presidente Lula. Para ambos mandatários ou ao que queira responder a pergunta, no que tange à Unasul.



Gostaria de saber se na reunião que vocês tiveram há pouco tempo, vocês trataram algumas colocações que poderiam ser apresentadas para o restante dos mandatários que também formam a Unasul, próximo da Cúpula que será realizada em Buenos Aires, Argentina.

Para o presidente Chávez: Presidente, de que forma a Venezuela continuará com esta política de integração, de complementaridade com o Brasil, considerando que estamos no ano eleitoral, com um novo governo brasileiro, para continuar esta complementaridade que nasceu há oito anos, com o governo do presidente Lula?

E, para o presidente Lula, eu gostaria de saber, como o senhor tem poucos meses de governo, se o senhor vai continuar nas filas da política, se vai retomar as lutas sindicais ou se vai voltar a Lula da Silva, com o progresso do povo brasileiro. Obrigada.

Presidente Hugo Chávez: _____

Presidente Lula: Bem, primeiro, Chávez, eu, hoje, saí de casa pela manhã e esqueci o relógio e, portanto, eu não me dei conta do horário e já são 4h15. Quatro, quatro e quinze e ninguém almoçou...

Presidente Hugo Chávez: _____

Presidente Lula: Bem, eu apenas queria dizer o seguinte, à companheira da Venezuela que me fez a pergunta: eu vou continuar fazendo política, porque eu sou um político, e um político não sabe fazer outra coisa, a não ser política. Certamente, vou fazer política com muito mais experiência do que eu fazia, antes de passar pela Presidência da República. Vou continuar viajando o Brasil, vou continuar viajando a América Latina, vou continuar viajando para a África. Eu tenho um sonho de ajudar o continente africano a dar um salto de



qualidade, e acho que no Brasil nós temos experiência para poder repartir com os nossos companheiros latino-americanos e africanos.

Eu acho que a Unasul é uma instituição consolidada. Muitas vezes, nós ficamos exigindo muito da Unasul e nós nos esquecemos que a União Europeia levou 50 anos para chegar no estágio que ela está hoje, e nós temos pouco tempo. A Unasul é uma instituição muito nova, mas o que é importante é que o povo latino-americano e o povo da América do Sul acreditam que esse é o caminho. Daí porque eu, sendo ou não presidente da República, vou continuar ajudando o desenvolvimento da Unasul.

Quero agradecer à imprensa. E espero que alguém ofereça um almoço para vocês, porque a comida deve estar fria, já. Um abraço.

(\$31FGJLMP)